

Depois de discutirem aquele assunto mais sério, a conversa fluiu para temas mais leves que não desafiavam as crenças de ninguém. Ango demonstrava um conhecimento impressionante sobre características de Pokémon, tamanho, mega evolução, mitos antigos e diversos outros aspectos. Talvez não fosse algo aprofundado como pesquisa, mas suas perspectivas eram elevadas e abrangentes. Isso deixou o Professor Carvalho encantado, a ponto de elogiar Ango como um talento para a pesquisa, incentivando-o a se dedicar mais a esse campo. Afinal, um polímata como ele era raro — o último tinha sido o próprio Professor Carvalho. Mas Ango sabia muito bem suas limitações. Será que os conhecimentos superficiais de sua vida passada sobre Pokémon realmente o qualificariam como pesquisador? Conhecer os fatos não era o suficiente; era preciso entender a ciência por trás deles. Por que um Eevee evolui? Qual a equação molecular que explica sua divisão celular durante a evolução? Como exatamente o tipo Fada neutraliza a energia do tipo Dragão? Essas eram as verdadeiras questões de um pesquisador. Saber apenas que Fada supera Dragão? Isso não fazia dele um cientista — no máximo, um "profeta Pokémon". Ou, num termo menos gentil, um charlatão. Por isso, quando o Professor Carvalho fez o convite, Ango recusou com educação. Afinal, seu verdadeiro talento estava nas estratégias de batalha. Em combates 2v2 com quatro habilidades limitadas, sua criatividade tática brilhava, e suas formações de time eram extremamente flexíveis. Não era à toa que, em sua vida anterior, ele havia alcançado o top 100 mundial na Master League. Enquanto Ango e o Professor Carvalho conversavam, com Lorelei intervindo de vez em quando, o comunicador de Ango tocou. No meio da empolgação da conversa, sua primeira reação foi ignorar a chamada — quem quer que fosse, poderia esperar. Mas, ao ver o nome "Brugo" na tela, ele franziu a testa e disse: — Com licença, Professor Carvalho, Lorelei. Preciso atender esta ligação. O professor fez um gesto de aprovação, e Lorelei também não se opôs. Ango atendeu: — Brugo, e aí? Os solos não deram certo? Do outro lado da linha, a voz de Brugo soou preocupada: — Deram... e não deram. — Como assim? Ango estranhou. Brugo herdara do pai uma decisão firme — sem isso, ele nunca teria conseguido administrar um império empresarial tão grande. — É difícil explicar. Acho que vou precisar da sua ajuda. — Não como treinador, Ango... mas como Guarda Florestal. Por um momento, Ango ficou em silêncio. — Sei que é difícil para você — continuou Brugo —, mas estou realmente precisando. Diante da súplica sincera, Ango suspirou. — Tudo bem. Se você está pedindo, não posso negar. Vou até aí logo. Não prometo resolver o problema, mas garanto que não vai piorar. O alívio na voz de Brugo foi instantâneo. — Ótimo. Mando alguém buscá-lo. Você está em Kanto ainda? — Sim, ainda em Pallet Town. — Então o enviado chega aí amanhã. ---### **Capítulo 40: Uma Despedida Temporária** Ango estava prestes a partir novamente. — Pra ser sincero, sou bem caseiro. Não gosto muito de sair correndo assim — comentou ele. — Entendo. Foi mesmo uma situação inesperada — respondeu Lorelei, com um sorriso resignado. — Eu te convidei aqui não só para entregar o presente, mas também porque Pallet Town é um ótimo lugar para descansar. Ela não imaginava que, mesmo trocando sua função de Guarda Florestal por treinador, Ango continuaria tão atarefado. Era um novato, mas nas últimas semanas mal tinha tido tempo para respirar. Lorelei, por outro lado, não estava tão ocupada e aproveitava para conversar com ele. Apesar de nenhum dos dois ter assumido seus sentimentos, havia uma cumplicidade silenciosa nas interações privadas. Era assim que adultos demonstravam interesse — sabendo recusar, medir limites e evitar ultrapassá-los. Sob o luar, os dois caminhavam pelo jardim do Professor Carvalho. Um grupo de Clefairyys dançava à beira do lago, realizando seu ritual místico. A Dança Lunar dos Clefairyys — um comportamento ecológico raro. Diziam que eles eram Pokémon extraterrestres, e essa especulação surgia justamente por seus hábitos tão distintos dos outros. Observando a cena, Ango sorriu levemente. Lorelei percebeu. — Nunca tinha visto algo assim antes? Ela mesma já presenciara aquilo uma única vez, por acaso. — Já, uma vez. Só gosto desses momentos. São... livres. Naturais. Ango olhou para os Clefairyys à distância com carinho. Ele sempre amara Pokémon — em sua vida passada, nos jogos e desenhos. Mas, ao vivenciar esse mundo real, percebeu que eles eram muito mais do que isso. Era um universo com sangue, carne e vida. Como o ex-treinador que ia trabalhar montado em seu Charizard. Na verdade, poucos seguiam a carreira de treinador profissional — a maioria tinha vidas normais: pintores, chefs, professores, modelos... O título de treinador era apenas um aspecto deles.

Para muitos, era só um bico. Até mesmo os grandes mestres eram assim. Orgulhavam-se de sua identidade, mas nunca esqueciam de manter os pés no chão. O tempo livre que um treinador tem para interagir com seus Pokémon, na verdade, se resume apenas ao período de estudos itinerantes, ou seja, durante as viagens. Até mesmo os membros da Alta Liga têm que trabalhar. — É, essa é a vida de quem cuida de Pokémon — disse Lorelei, olhando para o horizonte antes de responder a Anko com um sorriso. — Quanto ao que o Professor Carvalho disse antes, você não precisa levar tudo tão a sério. Ele tem suas próprias ideias. Mas os princípios dos Guardiões Florestais, que persistiram por tantos anos e ainda são reconhecidos por tanta gente, também não estão ultrapassados. Embora soasse como um consolo, Lorelei falava com sinceridade. Ela admirava os ideais dos Guardiões Florestais, mas admitia que não conseguiria segui-los por completo. Não capturar Pokémon, manter distância mesmo daqueles que acompanhavam alguém por anos, ter apenas um parceiro fixo sem possibilidade de troca... Essas regras não eram fáceis de cumprir para qualquer um. Anko sorriu levemente. — Não, não sei se estão ultrapassados ou não, e nem me importo muito com isso. O que me interessa é se esses princípios podem ganhar novos significados e direções. Lorelei concordou com um aceno, mas depois deu uma olhada irônica para ele. — Então você ainda quer ser um Guardião Florestal? Anko balançou o dedo. — Não, não. Sou Guardião Florestal, sou treinador e, no futuro, quem sabe que outras coisas ainda vou ser? Afinal, o sistema estava em modo de compatibilidade, então ele falava com convicção, descrevendo sua situação atual. Lorelei riu baixinho. Ela não se importava muito com os objetivos ou profissão de Anko. Mas, se ele tinha um ideal e estava buscando seu próprio caminho, ela não tinha motivo para não apoiá-lo. — Vá com calma, então. Não precisa ter pressa. Andar mais devagar não significa falta de esforço, e desistir de certas coisas não é falta de determinação. Anko riu. — Tá bom, eu entendo, *filosofa*. Ele não sabia que Lorelei tinha esse lado de dar lições de moral. Nos jogos, nos animes e até nos mangás, as pessoas só mostravam um ou alguns de seus lados. Quando você realmente convive com alguém, descobre que todo mundo tem facetas que poucos conhecem — ou que só revelam para si mesmos. — Enfim, a missão de amanhã provavelmente não vai ser simples. Se o Steven da Devon precisou pedir reforços, é porque a situação está bem complicada. Enquanto falava, Lorelei pegou mais uma vez a Pokébola do seu Dewgong. — Agora que você tem o Mew por perto, sua segurança não é problema. Mas, com o Dewgong, suas chances de resolver tudo aumentam. Dessa vez, porém, Anko olhou para a Pokébola com um sorriso malicioso. — Se eu aceitar, vou ter que devolver depois... e aí a gente pode conversar de novo? Lorelei entendeu a indireta, mas não era do tipo que se embaraçava fácil. Com um sorriso provocante, ergueu o queixo e arqueou uma sobrancelha. — E daí? Quer dizer que você *não* quer passar mais tempo comigo? Anko engasgou. Tentou provocar, mas acabou levando a volta. Lidar com mulheres mais velhas não era fácil. — Quero, claro que quero. Mas, dessa vez, não preciso. Ele devolveu a Pokébola. — Você tem razão, mas acho que nem o Mew vai precisar agir. — Se fosse algo que desse para resolver na força, o Steven não teria pedido minha ajuda. Então, o poder de combate dos Pokémon não deve ser o fator decisivo. — Se ele pediu um Guardião Florestal como eu, é porque deve ter encontrado Pokémon teimosos que ele não pode simplesmente machucar. Aí entra a minha habilidade de comunicação. Sob o olhar surpreso de Lorelei, Anko soltou um sorriso confiante. — Dessa vez, *eu* sou a peça-chave. ****Capítulo 41: Má Sorte ou Dupla Sorte?*** No dia seguinte, Anko e Lorelei se despediram do Professor Carvalho na frente do laboratório. — Muito obrigado pela hospitalidade e pela ajuda, Professor. Vou cuidar bem do Squirtle — disse Anko, educadamente. Lorelei, ao seu lado, completou: — Agradecemos muito. Ela não era de muitas palavras, mas suas intenções estavam claras: agora, ela devia um favor ao Professor Carvalho. Claro, só alguém como ele merecia essa confiança. Se fosse outra pessoa, mesmo que ela recusasse pedidos absurdos, ainda poderia ser colocada em situações complicadas. Mas com um veterano respeitado como o Professor, o máximo que ele poderia pedir seria ajuda para coletar dados raros — algo que não seria problema para Lorelei. Com seus contatos, ela nem precisaria recorrer ao Professor Carvalho. Poderia simplesmente pedir ao Siebold um dos descendentes de seu Blastoise. O Blastoise de Siebold já tinha idade suficiente para ter vários filhos. E, mesmo que ele não fosse um especialista em criação, sua experiência garantia qualidade. Ele até

poderia oferecer descendentes dos próprios Pokémon de Lorelei. Mas, se era para presentear, que fosse o melhor. O Professor Carvalho era inigualável em pesquisas sobre os iniciais de Kanto. Os três iniciais que ele entregou aos treinadores de Vermelho, Verde e Azul eram excepcionais. E o Pikachu que ele deu ao Ash parecia pertencer a uma raça completamente diferente. No mundo dos Pikachu, só existiam dois tipos: o Pikachu do Ash e todos os outros. A reputação do Professor em escolher Pokémon era impecável. Por isso, Lorelei confiava mais nele. Mas, desta vez, o Professor não parecia interessado em cobrar o favor. — Não precisam agradecer. Mas, Anko, tenho um pequeno pedido para você. O Doutor Carvalho acenou com a mão e depois se virou para Anko. Anko e Lorelei trocaram um olhar instintivo. Não esperavam que o Doutor Carvalho fosse tão direto, ainda mais dirigindo-se diretamente a Anko. — Claro, sem problemas. O que posso fazer para ajudar? Anko não recusaria o pedido do Doutor Carvalho. Na verdade, fosse qual fosse o pedido, ele faria o possível para atender. Bem, se fosse algo realmente impossível ou muito complicado, aí seria outra história... — Não é nada difícil. Pode ficar tranquilo. Parecendo perceber a hesitação de Anko e Lorelei, o Doutor Carvalho falou para que relaxassem. Enquanto dizia isso, tirou do bolso um pendrive. — Aqui tem dados muito valiosos. Preciso que você entregue pessoalmente ao Doutor Biriba. Na verdade, não é urgente, mas é essencial que chegue com segurança. E estendeu o pendrive prateado para Anko.

<http://portnovel.com/book/38/9777>